

E 27-89-68

Desplugados têm horror a micros e botões

Eles dizem viver "muito bem" longe da tecnologia, tremem sempre que são obrigados a encarar um microondas ou um videocassete e declaram amor eterno às máquinas de escrever, vitrolas e até aos orelhões

ALICE GRANATO

Windows 95, IBM OS/2, MAC OS — os modernos sistemas operacionais para computadores — são os novos hits dos amantes da informática, mas, para um certo grupo de pessoas, não passam de "palavrões". Nessa turma, há quem se apavore até por menos: fax, microondas, videocassete, CD-Rom e telefone celular, por exemplo. Modernidade e informática causam tremedeira nos chamados desplugados — aqueles que garantem viver "muito bem" longe dos avanços da tecnologia.

Enquanto a maioria está afoita com as novidades da informática, esse grupo continua fiel aos aparelhos antigos, como máquinas de escrever e vitrolas, já

vistos pelos mais plugados como "pré-históricos". A empresária Paula Pinheiro, de 33 anos, diz ter plena consciência de que está alguns anos atrasada. "Sou feliz assim", defende-se. Ela gostaria de estar vivendo agora o final dos anos 60, em sintonia com a geração Flower Power.

Hippie "na essência e não visual", como seus ídolos de Woodstock, Paula não quer saber de nada que a obrigue a apertar botões. "Não aguento materialismo", reclama. Tem pavor de computadores e detesta telefone celular. "Sou mais os orelhões", garante. Proprietária da loja-bar Superbacana, na Vila Madalena, Zona Oeste, Paula é conhecida entre os amigos como a Janis Joplin da turma. Seus ideais, pelo menos, são iguais aos da roqueira que pregava paz e amor e queria "abrir as portas da percepção".

ARTESÃO

ACHA

"ESQUISITO"

USAR O

TELEFONE

CELULAR NO

MEIO DA RUA

Paula não esconde, no entanto, que é vítima de muita incompreensão. "Às vezes 'viajo' demais e as pessoas não entendem nada que eu digo e vice-versa", conta. "O ritmo é totalmente diferente."

Se para ela é difícil, imagine para o artesão Romano Monti, de 58 anos, que faz jóias com instrumentos medievais na Oficina Kramer. "Procuro acompanhar as transformações, mas não consigo, são rápidas demais." Monti conta que "toma um baile" da secretária-eletrônica e do vídeo, o que já virou motivo de brincadeira entre os filhos.

Quando saem, eles me pedem para gravar programas de televisão e nunca dá certo", assume. Monti desaprova também o telefone celular. Considera uma atitude esquisita as pessoas o usarem no meio da rua. "É ridículo", define. "Acho esses aparelhos desnecessários, prefiro meu alicate e o martelo."

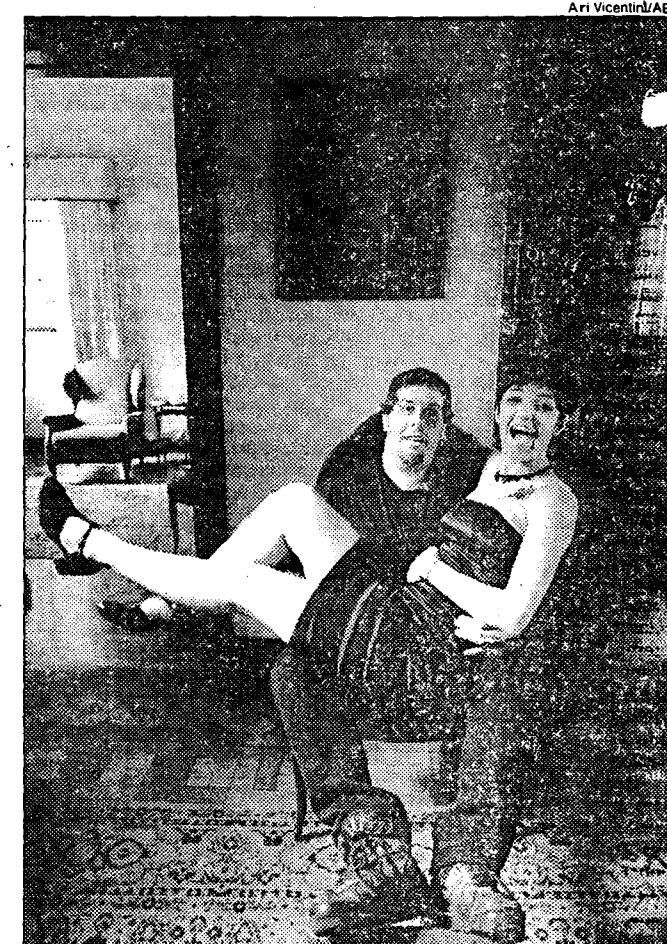
A escritora Hilda Hilst é outra que cultiva um caso de amor com sua ferramenta de trabalho: uma antiga máquina de escrever Olivetti. "Sinto carinho e ciúmes por ela", diz. Não é à toa. Todos os seus livros foram escritos na "maquineta", como a escritora a apelidou. "Acredito que os nossos objetos ficam impregnados de inspiração, por isso é difícil substituí-los", observa.

Animais — Desde 1966, Hilda mora num sítio em Campinas, cercada de animais. "Com eles me dou muito bem", brinca. A escritora diz não ter amor pelas máquinas em geral — não sabe mexer em seu videocassete e tampouco dirigir. "Mas na literatura, estou uns cem anos na frente", garante.



Paula Pinheiro, da Superbacana: hippie "na essência e no visual"

O publicitário Nizan Guanaes, ligadíssimo em qualquer assunto, exceto tecnologia, cansou de ser desplugado. "Daqui a pouco vou parar num museu de história natural", comenta. Em sua agência, a DM9, ele é o único que ainda usa uma Olivetti modelo "mil novecentos e bolinha". "Todos dominam o computador, menos eu", disse. Mas Guanaes está prestes a se informatizar. Comprou um computador que, por enquanto, está na caixa, e pretende matricular-se num curso. "Vai ter de ser intensivo", brinca.



Michel e Daniela: ela adora as "últimas tendências", ele odeia

Resistência à sedução tecnológica é difícil

Há desplugados espalhados por toda parte. Rui Campos, presidente da Feira Internacional de Informática (Fensoft), estima que, numa roda de dez amigos, dois não entendam nada de computação. "Há dez anos, era o contrário", afirmou. Segundo ele, os jovens se plugam, muitas vezes, por vaidade. "Gostam de mostrar que entendem do assunto."

O professor Luadir Barufi, da Faculdade de Educação da USP, diz que 10% de seus alunos são desplugados. "Eles seguem um método consolidado e não admitem mudanças", observa. Barufi define o grupo como humanista e afirma que é, academicamente, mais forte que o dos plugados. "Eles acham que a informática vai massificar seu trabalho." (A.G.)

Ari Vicentini/AE

Wilson Melo/AE

elo "mil novecentos e bolinha". "Os dominam o computador, os eu", disse. Mas Guanaes está a se informatizar. Comprou computador que, por enquanto, na caixa, e pretende matricular num curso. "Vai ter de ser inventivo", brinca.

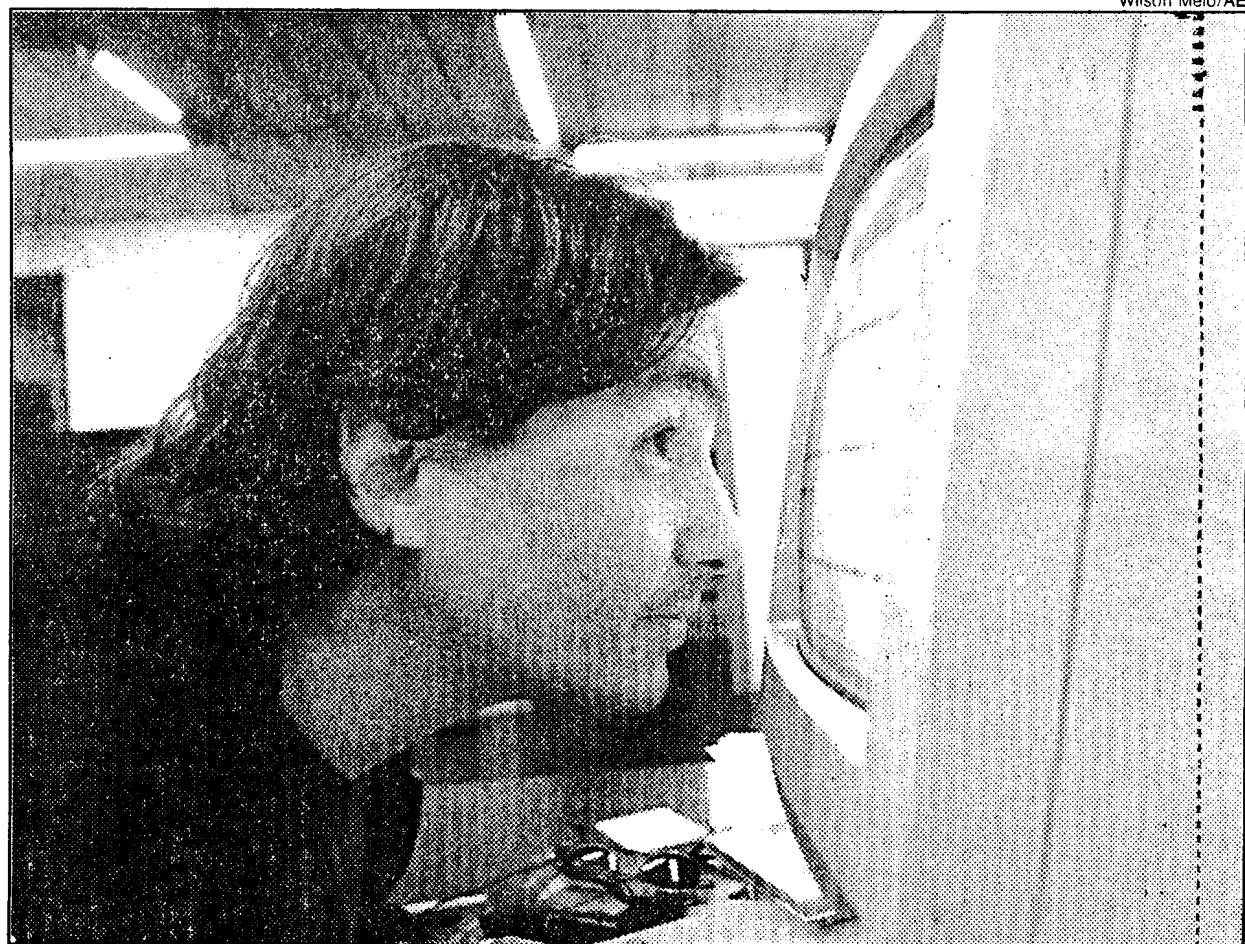
mática (Fensoft), estima que, numa roda de dez amigos, dois não entendem nada de computação. "Há dez anos, era o contrário", afirmou. Segundo ele, até os mais radicais já estão se rendendo à tecnologia. "Essas pessoas co-

te às novidades que os adultos. "Os mais velhos criam barreiras", explica. Segundo ele, os jovens se plugam, muitas vezes, por vaidade. "Gostam de mostrar que entendem do assunto."

O professor Luadir Barufi, da

tudo consolidado e não admitem mudanças", observa. Barufi define o grupo como humanista e afirma que é, academicamente, mais forte que o dos plugados. "Eles acham que a informática vai massificar seu trabalho." (A.G.)

Wilson Melo/AE



O publicitário Leandro Castilho: "Gosto de saber de tudo que está acontecendo ao meu redor"

Novidades dividem amigos e casais

Estar ligado ou não na "modernidade" é motivo de conflitos e discussões no lar e no trabalho

Existem dois tipos de despluggedos: os tecnológicos, que têm pavor a máquinas avançadas, e aqueles que não acompanham a atualidade de forma geral. Não assistem a telejornais, muito menos seguem as últimas tendências ou freqüentam lugares da moda. Muitas vezes, enfrentam problemas com os plugados, que procuram trazê-los para seu mundo, raramente com sucesso.

Daniela Mozer, de 20 anos, trabalha há 6 anos como vendedora em lojas de shopping. Atualmente, está na Iódice, do Shopping Ibirapuera, e sabe tudo sobre as últimas tendências. "Sou fashion", define-se. Esse é um dos motivos pelos quais discute com seu namorado, o guitarrista Michel Quaker, de 27 anos, que adota um estilo totalmente diferente. "Ele é roqueiro, curte os Rolling Stones e Jimmy Hendrix e só usa jeans, camiseta

branca e jaqueta camuflada", conta Daniela. Resultado: na hora de sair, começam as desavenças. "O Michel me chama de perua", revela Daniela. "Odeio modismos", justifica o guitarrista, que jamais faz visitas aos shoppings.

As diferenças não param por aí. Daniela adora badalar em boates. Michel odeia. Prefere um bom papo na casa de amigos. "Nunca saímos juntos", admite Daniela, que namora o músico há três anos. "Nos encontramos em casa e vamos juntos só para supermercados e locadoras de vídeo." Durante a semana, Daniela sai com sua turma e Michel com a dele. "Temos vidas independentes, mas que dão certo", garante Michel.

No trabalho, também há situações constrangedoras entre plugados e desplugados. Leandro Castilho, diretor de criação da Lew, Lara Propeg, é do tipo que lê todos os

jornais e revistas a que tem direito. "Tenho sede de informação", diz. Segundo ele, 50% do interesse é por necessidade da profissão, e os outros 50%, por curiosidade. "Gosto de saber de tudo o que está acontecendo ao meu redor", afirma. Para tanto, informa-se sobre todos os eventos culturais e sociais da cidade.

CNVIVÊNCIA
DEPENDE DE
TOLERÂNCIA E
EQUILÍBRIO

"Preciso me atualizar."

Depois de vários papos, a dupla de publicitários chegou a uma conclusão: um é ligado demais e o outro, de menos. "Precisamos inverter as posições para equilibrar um pouco", sugere Castilho. "Acho que, daqui a uns anos, serei como o Marco, e ele, como eu." (A.G.)